

## Governo de si e do outro no canal *Põe na Roda* do *YouTube*

**Marcos Paulo de Azevedo**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras Vernáculas, Mossoró, RN, Brasil.  
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2194-5751>

**Francisco Vieira da Silva**

Universidade Federal Rural do Semiárido, Departamento de Linguagens e Ciências Humanas, Caraúbas, RN, Brasil.  
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo descrever os mecanismos discursivos que apontam para o exercício de uma política da vida e de governamentalidade no canal *Põe na Roda*, disponível no *YouTube*. Trata-se de um canal que aborda, de maneira bem-humorada, diversos assuntos relacionados aos sujeitos gays. Esta pesquisa vincula-se aos estudos discursivos foucaultianos, com ênfase no entendimento acerca da produção de subjetividades no contexto das audiovisualidades. Enquanto tal, adota como metodologia um viés descritivo-interpretativo, a partir de uma abordagem qualitativa. Além disso, baseia-se no método arqueogenealógico foucaultiano, que prima por uma análise histórico-cultural do Discurso e dos processos de subjetivação. Para compor o *corpus* deste artigo, selecionamos um vídeo disponível no canal, o qual aborda as práticas de governo sobre o relacionamento de um casal. A análise da materialidade discursiva apontou para a adoção, pelo canal, de mecanismos discursivos a partir dos quais exerce uma política da vida e de governamentalidade sobre os internautas que acompanham os vídeos. Tais mecanismos manifestam-se por meio das práticas de dizer-a-verdade, de construção de um saber sobre os sujeitos gays que participam do quadro; seja por meio das práticas de confissão, seja pelas formas de condução de si e do outro.

### Palavras-chave

discurso; gays; governamentalidade; subjetividade; verdade

## 1 Introdução

Neste estudo, buscamos descrever os mecanismos discursivos que apontam para o exercício de uma política da vida e de governamentalidade no canal *Põe na Roda*. Segundo informações da própria página do canal no *YouTube*, o *Põe na Roda* foi criado em 26 de janeiro de 2014, por Pedro HMC<sup>1</sup>. Em agosto de 2022, quando escrevamos este texto, o canal contava com 1,24 milhões de inscritos e possuía mais de 212 milhões de visualizações. Esses números permitem classificar o canal como um dos principais do *YouTube* a tratar sobre a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queers*, Intersexo, Assexuais (LGBTQIA+)<sup>2</sup>. Na aba “Sobre”, o canal traz a seguinte descrição: “Humor e informação fora do armário! A cada inscrito, uma lanterna será doada para o novo casaco do Elton John. Tem vídeo novo toda terça-feira (Variados) e sexta-feira (Deu Na Semana)!”. Diante de tal descrição, podemos interpretar que a proposta do canal é trazer informações e discutir sobre a comunidade LGBTQIA+ de forma aberta (fora do armário) ou, como sugere – de forma dúbia – o próprio nome do canal, os assuntos são colocados na roda para discussão, de forma bem-humorada.

Ao longo da história do canal, a dinâmica de postagem de vídeos foi se modificando, até chegar à configuração atual: dois vídeos por semana, às terças e sextas, sendo que a sexta-feira possui um quadro fixo, o Deu na Semana, uma espécie de resumo jornalístico em que são apresentados os principais acontecimentos da semana no “mundo gay”. Já na terça, os quadros são variados. Há desde entrevistas com pessoas famosas ligadas ao universo LGBTQIA+, até quadros com médicos e psicólogos que discutem questões de saúde. Praticamente todos os assuntos são discutidos: sexo, relacionamento, corpo, família, trabalho, direitos etc. Essa variedade temática e os diferentes formatos em que tais temas são abordados faz do canal um lugar de produção de discursos que atrai cada vez mais a comunidade, tornando o *Põe na Roda* um espaço onde as práticas de governamentalidade e de biopolítica sobre os sujeitos gays encontram solo fértil.

Quanto à governamentalidade, cumpre-nos discutir sobre as formas de exercício de poder sobre a vida dos indivíduos. Foucault (1999) nos fala de um conjunto de estratégia de governo que se exerce sobre a vida dos sujeitos de modo a torná-los úteis e dóceis. Neste

<sup>1</sup> Pedro Henrique Mendes Castilho, além de criador do canal *Põe na Roda*, escreveu a obra *Um livro para ser entendido*, foi roteirista dos programas de TV *Amor & Sexo* (Rede Globo), *Adnight* (Rede Globo), *CQC* (Band), *Furo MTV* (MTV Brasil) e atuou como colunista do jornal *Folha de S. Paulo*.

<sup>2</sup> Dentre os outros canais que abordam essa comunidade, destacamos os seguintes: *Mundo paralelo* (1,18 milhões de inscritos), *Tempero Drag* (859 mil inscritos), *Louie Ponto* (671 mil inscritos), *Canal das bee* (375 mil inscritos).

campo, a sexualidade encontra seu lugar de destaque, pois esta é vista pelo autor como uma das principais formas de controle da vida em sociedade. Isso se dá porque a partir do sexo é possível controlar o corpo dos indivíduos, isto é, ao controlar o sexo é possível disciplinar o corpo para cumprir as atividades do cotidiano, mas também porque a partir dele se controla a natalidade da população e seus efeitos. Acontece que as práticas homossexuais escapam, de início, do alcance dessas formas de governo, uma vez que o exercício de sua sexualidade não se iguala ao padrão heteronormativo que prevalece na sociedade. Daí a necessidade de se criarem dispositivos disciplinares (FOUCAULT, 1998) em torno da homossexualidade, os quais irão possibilitar práticas de governo de si e do outro, isto é, será possível tanto governar o sujeito gay, como criar estratégias para que ele mesmo possa exercer o governo sobre si.

Inicialmente, podemos pensar em dispositivos que funcionam interditando o sujeito gay na sociedade. Nesse campo, se considerarmos dispositivos da área da medicina, por exemplo, veremos que uma série de estudos, ao longo do tempo, consideraram a homossexualidade e a transexualidade como doenças, deslegitimando a identidade desses sujeitos. Considerando resquícios históricos sobre HIV/AIDS, ainda hoje homossexuais têm dificuldade de doar sangue, pois são considerados pertencentes a um grupo de comportamento sexual de risco. No campo do direito, durante muito tempo foi negado aos homossexuais o direito de oficializar uma união estável e o direito de adotar crianças. Do ponto de vista religioso, persiste a crença da homossexualidade como pecado, o que dificulta sujeitos gays de professarem e vivenciarem uma religião. Dentre outros dispositivos disciplinares, estes fazem com que socialmente esses sujeitos sejam excluídos, temidos, usados como exemplo a não seguir.

É inegável que houve avanços. Hoje já é possível oficializar uma união estável entre pessoas do mesmo sexo e há vários casos de adoção de crianças por casais homossexuais, mas ainda prevalece o estigma e o preconceito. Trevisan (2018) concorda que houve uma maior integração da comunidade LGBTQIA+ na sociedade, mas enxerga uma liberdade vigiada, controlada. O autor argumenta que o sujeito gay foi incluído, mas acaba imitando padrões heterossexuais, incluindo comportamentos de consumo. Nesse ponto, podemos pensar práticas de governamentalidade. Uma vez “aceito”, o gay passa a servir como mão de obra e mercado consumidor, tornando-se útil.

Diante desse ponto, surge a necessidade de refletir sobre esses novos lugares ocupados pelos sujeitos gays. Por isso, formulamos a seguinte questão: como se configuram

os mecanismos discursivos que apontam para o exercício de uma política da vida e de governamentalidade no canal *Põe na Roda* no *Youtube*? Diante dessa questão, nosso objetivo central será, como dito no início, descrever tais mecanismos. Para tanto, analisaremos o vídeo “Meu namorado quer sexo todo dia e eu não”, que faz parte do quadro “Ajuda, *Põe na Roda*”, voltado para aconselhar casais com o auxílio de um psicólogo. No que se refere ao caráter metodológico, este estudo insere-se em um viés descritivo-interpretativo (GIL, 2002), a partir de uma abordagem qualitativa (GODOY, 1995). A escolha por esse viés relaciona-se diretamente com o percurso de análise que pretendemos fazer do *corpus* selecionado, uma vez que para investigarmos a constituição do sujeito gay em meio às práticas de governamentalidade no canal *Põe na Roda*, precisaremos fazer os movimentos de descrição e interpretação dos discursos ali produzidos, a partir dos estudos discursivos foucaultianos.

## 2 Governamentalidade e verdade

Fundamental para pensar os processos de constituição dos sujeitos gays, a questão do governo de si e dos outros está atrelada às discussões foucaultianas a respeito das relações de poder-saber e da constituição ética dos sujeitos por meio do cuidado de si e das técnicas de si, práticas que pressupõem, por vezes, uma relação com o outro. Esta relação com o outro nas práticas de governo, como aponta Foucault (2010), será sempre marcada por um jogo em que a verdade aparece como peça principal. No curso ministrado pelo filósofo francês no *Collège de France*, entre os anos 1982 e 1984, o dizer-a-verdade na relação com o outro é o principal objeto de sua atenção.

Uma vez que pretendemos descrever os mecanismos discursivos no canal *Põe na Roda* que sinalizam para o exercício de uma governamentalidade sobre os sujeitos gays, é necessário pensar sobre como essa verdade é construída, negociada, discursivizada no vídeo em análise. Inicialmente, precisamos entender do que tratamos quando se fala em governamentalidade. Gomes Filho (2016, p. 97) afirma que “do século XVI até o final do XVIII, houve o desenvolvimento de inúmeros tratados sobre a arte de governar” em razão do enfraquecimento das estruturas feudais e das disputas no campo religioso no contexto da Reforma e da Contrarreforma. Essa arte de governar, segundo Foucault (2014a), vai estar atrelada à construção de um saber, de uma verdade sobre o homem, a partir da qual seria possível pensar uma forma de reger suas condutas. “Assim, desenvolveu-se toda uma literatura sobre as artes de governo em seus múltiplos aspectos: o governo de si, reatualizado pelo neo-estoicismo; o governo das almas pela pastoral cristã; o governo das crianças pela

pedagogia; o governo do Estado pelo príncipe (GOMES FILHO, 2016, p. 98). Cada um desses setores estabeleceu um conjunto de procedimentos a partir dos quais uma vontade de verdade era formulada com vistas a conduzir a conduta dos indivíduos.

Foucault (2008a) argumenta que a arte de governar precisa ser compreendida a partir de uma continuidade ascendente e descendente:

Continuidade ascendente, no sentido de que quem quiser ser capaz de governar o Estado primeiro precisa saber governar a si mesmo: depois, num outro nível, governar sua família, seu bem, seu domínio; por fim, chegará a governar o Estado. [...] Inversamente, vocês têm uma continuidade descendente, no sentido de que, quando um Estado é bem governado, os pais de família sabem bem governar sua família, suas riquezas, seus bens, sua propriedade, e os indivíduos, também, se dirigem como convém (FOUCAULT, 2008a, p. 125-126).

Dessa forma, vemos que o poder passa a ser exercido sobre a população do ponto de vista do governo: de si mesmo, da economia e do Estado; de modo que quando o governante é capaz de bem dirigir o Estado, o povo será capaz também de conduzir bem a si mesmo e à sua casa, garantindo que cada setor possa cumprir seu papel na sociedade.

Estas artes de governar surgem, ainda conforme Foucault (2008a), no contexto da biopolítica, em que a população passa a ser o alvo das políticas de governo e não mais o indivíduo em particular. Ao tratar sobre esse tema, o autor tem o cuidado de esclarecer que não é o território a principal preocupação do governo, mas sim sua população e que, portanto, são os homens que devem ser governados.

Por esta palavra, “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população (FOUCAULT, 2008a, p. 143).

Essa forma de exercer o poder, no caso, o biopoder, pressupõe esse conjunto de elementos que são a base da organização do Estado. Este governa a partir de um complexo esquema de instituições (hospitalares, educacionais, religiosas, judiciárias, assistenciais, familiares, midiáticas etc.), cada uma com seus procedimentos e estratégias com vistas a gerir a população. Vale ressaltar, porém, que esses aparelhos ou instituições de Estado não são as únicas a exercer o biopoder. É possível encontrar o seu funcionamento em organizações menores, que mesmo não estando livres da influência do Estado, agem de maneira mais específica sobre determinadas parcelas da população. É nesse contexto que se encaixam as

Organizações Não-Governamentais (ONGs), os sindicatos, os conselhos de bairro ou ações mais individuais, nas quais podemos colocar os mais diferentes tipos de grupos ou pessoas que atuam pela internet, produzindo conteúdo ou promovendo reflexões que também são da ordem do biopoder. Sousa (2012) cita alguns desses conteúdos e os reflexos dessa forma de exercício do biopoder:

Nas campanhas estatais e nas produzidas pela mídia constata-se a preocupação com questões que emergem em torno de temas como tabagismo, alcoolismo, trânsito e álcool, aborto, gravidez precoce, obesidade, saúde, violência, preservação do meio ambiente, os quais incidem sobre o corpo e a vida das pessoas, normalizando práticas e atitudes e excluindo aqueles que não passem pela aferição da normalidade (SOUSA, 2012, p. 48).

Conforme a autora, tais campanhas são responsáveis por normalizar as condutas dos sujeitos, agindo sobre seus corpos, por meio da disciplina; e suas vidas, a partir das estratégias biopolíticas. Como resultado, têm-se também a exclusão daqueles que não aderirem a esse processo de normalização. Se pensarmos no caso da obesidade, é sabido que os corpos gordos sofrem diferentes formas de discriminação e exclusão por não se enquadrarem nos ideais de saúde e beleza, que são postos como pertencentes ao corpo magro por tais campanhas.

Desse modo, quando se pensa em estratégias de governo, pondera-se sobre “[...] mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens” (FOUCAULT, 2014a, p. 13). Logo, esse é um procedimento que pressupõe a ação de um sobre o outro. É necessário que um tenha condições de dirigir, de conduzir o outro a alcançar finalidades específicas – que podem ser da ordem da economia ou da moral, por exemplo.

A partir de Foucault (2008a), é possível lançar um olhar sobre o pastorado como uma forma de compreender a maneira como os sujeitos passaram a ser conduzidos e a se conduzir frente às formas de governo. Foucault (2008a) assim define a noção de conduta, pensada dentro do sistema pastoral:

A conduta é, de fato, a atividade que consiste em conduzir, a condução, se vocês quiserem, mas é também a maneira como uma pessoa se conduz, a maneira como se deixa conduzir, a maneira como é conduzida e como, afinal de contas, ela se comporta sob o efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução (FOUCAULT, 2008a, p. 255).

No sistema pastoral, cabia ao pastor conduzir os fiéis de modo a garantir a salvação de sua alma, assim como estes deveriam também se auto conduzir, de modo a manter-se vigilante sobre suas ações, seus corpos, enfim, suas condutas. A partir da crise do sistema pastoral e da adoção de suas estratégias para as formas de governo que vão se estabelecer nos sistemas políticos, Foucault toma esse sentido de conduta para pensar a abertura para a dimensão da governamentalidade. Esta, como vimos, consiste nesse conjunto de estratégias voltado à condução de uma população por meio de um vasto número de instituições, que passam a reger as condutas das pessoas.

No entanto, pela noção apresentada, vemos também que o sujeito pode conduzir a si mesmo ou se deixar conduzir de tal maneira, o que abre espaço para pensarmos sobre as estratégias de enfrentamento desses sujeitos diante de formas de condução indesejadas. Por isso mesmo é que o autor propõe tratar das “formas de ataque e de contra-ataque que puderam se produzir no próprio campo do pastorado” (FOUCAULT, 2008a, p. 256). É nesse contexto que se abre espaço para investigar as contracondutas. Segundo Costa (2019, p. 62), “[...] as práticas de condução de condutas colocadas pelo pastorado incitam o surgimento de práticas de contracondutas que assumem a função de estabelecer táticas de enfrentamentos às investidas do poder e ao seu ensejo de governar os homens”. Assim, estamos diante de uma nova forma de enfrentamento às relações de poder, que se diferenciam das estratégias de resistência. No âmbito das práticas de governo, as contracondutas são vistas como um modo não de se combater frontalmente o poder, mas, sim, de alterar a forma como se efetivam as práticas de governo. Nas palavras de Costa (2019, p. 68):

na medida em que ele [o poder] é compreendido como condução de condutas a noção de resistência (porque ligada à concepção bélica de poder) torna-se insuficiente para caracterizar as dimensões produtivas dos comportamentos e dos movimentos que procuram alterar os modos de condução das práticas de governo, devendo ela própria ser reformulada.

Dessa maneira, o foco recai sobre as possibilidades de se pensar novas formas de se conduzir, ou seja, o sujeito não almeja deixar de ser conduzido, mas sim de propor práticas de condução que visem fazer de sua vida uma obra de arte. É o que depreendemos da maneira como Foucault (2008a, p. 266) nos apresenta a palavra contraconduta: “[...] palavra que só tem a vantagem de possibilitar referirmos ao sentido ativo da palavra ‘conduta’, Contraconduta no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros”. Ao se referir ao sentido ativo de conduta o autor aponta para o fato de que os

sujeitos, ao lutarem contra os procedimentos de condução, advogarão não por uma ausência de tal condução, mas sim por outras formas de ser conduzidos.

É nesse sentido que enxergamos a mobilização de estratégias discursivas no interior do canal *Põe na Roda* no exercício da condução dos sujeitos gays: o que se propõe no canal, muitas vezes, é o apontamento de contracondutas, de outras maneiras de conduzir a si mesmo e ao outro frente às práticas de governamentalidade pautadas na heteronormatividade e nas diferentes premissas que interditam esses sujeitos.

É esse processo de direção de condutas que visualizamos no quadro “*Ajuda, Põe na Roda*”, que tem por propósito responder dúvidas gerais dos seguidores. O quadro conta com a participação de um psicólogo, que, juntamente com os apresentadores, opina sobre os problemas apresentados e dá direcionamentos sobre o que pode ser feito para resolvê-los. Nos primeiros vídeos da série, os internautas enviavam as dúvidas por e-mail ou nas redes sociais e os apresentadores discutiam os temas com o psicólogo; posteriormente, o canal criou uma versão especial do quadro em que casais gays são recebidos na casa do psicólogo para discutir sobre questões de relacionamento.

O próprio nome do quadro já aponta para esse esquema de condução: alguém pede ajuda, conselhos ao outro, para resolver problemas pelos quais está passando. Esse outro, então, é autorizado a conduzi-lo, a aconselhá-lo. É aí onde se instaura a relação do dizer-a-verdade com os procedimentos de governo de si e do outro: “[...] é um lugar-comum dizer que a arte de governar e, digamos, o jogo da verdade não são independentes um do outro e que não se pode governar sem entrar de uma maneira ou de outra no jogo da verdade” (FOUCAULT, 2014a, p. 13). Nesse jogo, o indivíduo vai se constituir enquanto sujeito gay a partir da verdade que o outro vai lhe impor. Mas em que condições se dá esse procedimento de dizer-a-verdade como forma de governo? Podemos pensá-la a partir de um caminho, que está ligado às práticas de si: a confissão.

A confissão designa a fala do dirigido no sentido de que ele precisa produzir um discurso verdadeiro sobre si mesmo, dirigido a um Outro (seu diretor de consciência, seu confessor etc). O dirigido deve se tomar a si mesmo como referente de um discurso verdadeiro e revelar a um Outro, essencialmente silencioso, o que se passa em seus desejos, em seus pensamentos etc. (GROS, 2004, p. 156).

Considerando essa dinâmica, discutiremos mais detidamente esse conceito a partir do vídeo “Meu namorado quer sexo todo dia e eu não” (PÕE NA RODA, 2017). No vídeo, é possível observar parte do ambiente em que o “*Ajuda, Põe na Roda*” é gravado. Trata-se da

sala de uma residência, na qual os convidados ficam sentados no sofá, um de cada lado, com o apresentador Pedro HMC no meio. Para esse vídeo, os convidados foram Luk e Renan, que se apresentam com seus nomes reais. Na parede branca ao fundo, alguns quadros servem de decoração ao cômodo. A configuração remete ao domínio de memória (FOUCAULT, 2008b) em torno do consultório de psicologia, em que o paciente é recebido pelo psicólogo em um ambiente confortável, para que se sintam bem. O sofá pode ser entendido como um móvel que remete a esse conforto, embora no vídeo ele pareça apertado, já que sentaram três pessoas.

Quanto ao psicólogo, Cláudio Picazio<sup>3</sup>, vemos que ele senta em uma poltrona que está posicionada na diagonal do aposento, o que lhe permite uma visão sobre os três rapazes sentados no sofá. A construção da cena remete, então, ao consultório do psicólogo, havendo as principais figuras: o profissional e o casal que veio em busca de ajuda. Pedro, o apresentador do quadro, faz a mediação entre sofá e poltrona; no entanto, como veremos mais à frente, também traz a sua visão sobre o relacionamento do casal, o que também o coloca na posição de “condutor” da verdade.

Pelas cenas descritas, entendemos que o psicólogo - e Pedro HMC, em alguns momentos - será aquele a quem caberá o papel de outro, que será responsável por dizer-a-verdade sobre o casal, autorizado pelo lugar que ocupa na ordem do discurso médico-científico. O casal é composto pelos dois rapazes, Luk e Renan, a quem caberá os papéis de dirigidos, aqueles que vão “confessar” seus problemas em busca de uma possível solução. Ao confessar tais problemas, o casal produz uma verdade sobre si acerca do exercício da sexualidade e das condutas no interior do relacionamento.

Ao tratarmos aqui sobre a confissão, não é nosso objetivo construir um percurso histórico sobre essa noção nos estudos foucaultianos. Tomaremos esse conceito a partir do momento em que ele se relaciona com o exercício do poder pastoral, sobre o qual já discutimos antes. A confissão será uma das principais estratégias do poder pastoral cristão, que tem como objetivo a salvação das almas. Silva (2016, p. 49) esclarece que:

no cerne da pastoral cristã, compete ao sujeito a missão de tudo contar ao seu confessor. Num primeiro momento, a figura desse confessor poderia ser um amigo, na inexistência de um padre. A possibilidade mesma de revelar o que afligia o confidente já se constituía numa forma de expiar os pecados; assim, não bastava somente revelar a falta, era preciso contá-la

---

<sup>3</sup> De acordo com a Plataforma Lattes, Cláudio Marcos de Sá Picazio possui graduação em Psicologia pela Faculdade São Marcos, graduação em Psicologia - Licenciatura Plena pela Universidade São Marcos, especialização em Sexualidade Humana pelo Instituto Sedes Sapientiae e especialização em Psicoterapia de Família e Casal de Base Psicanalítica pelo Instituto Sedes Sapientiae.

minuciosamente, a fim de que se pudesse indicar a penitência compatível com o tipo de falta cometida.

A explicação do autor aponta para a confissão como uma obrigação de dizer a verdade no contexto do poder pastoral. Era preciso confessar seus erros, o mais detalhadamente possível, para que o confessor pudesse indicar uma penitência. Importa-nos observar o destaque que Silva (2016) faz referente ao fato de que a expiação dos pecados começava pela aflição de dizer a verdade sobre si mesmo. O confidente assume esse lugar de dizer a verdade e se constitui a partir de sua própria fala como um sujeito pecador. É aí que o sujeito estabelece uma relação de si para consigo por meio da verdade.

Foucault (1999) argumenta que a confissão, como sacramento cristão, foi umas das principais técnicas de produção de saber sobre o sexo. Especificamente sobre esse tema, o sujeito era encorajado a falar pormenorizadamente, de modo que o sexo era, então, vigiado, controlado; e o confidente, penitenciado.

No âmbito da biopolítica, a confissão nos moldes do poder pastoral será adotada como uma forma de governo, não mais com o objetivo de salvar a alma, mas de garantir a vida neste mundo. É desse modo que as instituições hospitalares, escolares e a própria família adotam o mesmo esquema de vigilância sobre os corpos do sujeito, que também é instigado a falar de si, não para ser penitenciado, mas para ser medicado, tratado, prevenido, ensinado. Tudo isso pressupõe o ato de fazer vir à tona a verdade. Confessar suas dores, suas práticas diárias, suas dificuldades e problemas.

É nesse contexto que se encaixa o quadro “Ajuda, Põe na Roda”. O casal, que está passando por problemas dentro do relacionamento, precisa “confessar”, dizer a verdade sobre aquilo que está atrapalhando o relacionamento, para que o psicólogo possa aconselhar, dirigir, conduzir suas condutas. Logo após a apresentação dos convidados, Pedro HMC pergunta: “O que está afligindo vocês?” Segue o diálogo:

*Renan: Eu acho que... por exemplo, uma das coisas que mais me irritam nele, quando a gente tá junto ou conversando, eu acho que ele só me ignora. Hoje, por exemplo, a gente tava dirigindo, a gente foi pegar umas encomendas...*

*Pedro: Vocês trabalham juntos?*

*Renan: Eh, a gente tem uma empresa junto.*

*Meme Casos de Família: Eu tenho pena de você.*

*Pedro: É uma coisa que eu não recomendo na vida. Você trabalhar e ter um relacionamento ao mesmo tempo é muito complicado.*

*Cláudio: Aí ele já está dizendo por causa dele.*

*Renan: A terapia é mais para ele do que pra gente. (risos)*

*[...]*

*Renan: Ah aí eu pergunto uma coisa sobre... “ah! essa música mó legal né?” e aí eu olho para ele e tá assim olhando para janela e aí ele não me responde.*

*[...]*

*Pedro pergunta a Luk: Você ignora ele?*

*Luk: Não, eu não ignoro ele. Mas ele me ignora muitas vezes para ficar no celular. Eu odeio porque ele debate muito no celular, no Facebook ele...*

*Renan: É que eu sou meio ativista...*

*Luk: Wle compra briga no Facebook todo dia. Isso me irrita porque às vezes a gente tá assistindo filme junto e aí ele tá com o Facebook aberto e quando não é Facebook, é joguinho. Enquanto a gente tá assistindo filme, enquanto a gente tá fazendo algum programa a dois...*

*Pedro: O problema é que ele fica muito no celular?*

*Luk: Ele fica muito no celular, sem dúvida.*

O principal problema apresentado por Renan é que Luk o ignora: “*eu acho que ele só me ignora*”. Ao apontar essa questão, é interessante notar que a verdade se dirige não só ao psicólogo ou a Pedro, mas o sujeito confessa a verdade também a seu marido. É uma confissão sobre como Renan se sente frente ao relacionamento, mas, ao mesmo tempo, é um dizer sobre um comportamento de Luk. Este, no entanto, não concorda com o que é dito sobre si: “*Não, eu não ignoro ele. Mas ele me ignora muitas vezes para ficar no celular*”. E aqui nós nos deparamos com o impasse entre os dois: ambos se sentem ignorados dentro do relacionamento. Há o embate entre dois discursos que constituem tanto uma verdade sobre si como uma verdade sobre o outro: Eu me sinto ignorado/Ele me ignora.

No diálogo, Renan explica que ele e Luk possuem uma empresa juntos e Pedro HMC vai problematizar esse fato, construindo o sentido de que isso pode ser um agravante para um casal. Essa problematização efetiva-se por meio de um corte de edição em que é apresentado um meme do programa *Casos de família*, no qual a apresentadora Christina Rocha diz: “*Eu tenho pena de você*”. No programa, Christina recebe familiares ou amigos para tentar resolver conflitos existentes entre eles. Assim como no “*Ajuda, Põe na roda*”, o *Casos de família* também conta com uma psicóloga que apresenta um direcionamento para os convidados, após estes exporem suas problemáticas. Além disso, o título do vídeo traz um dos assuntos que será discutido: “*Meu namorado quer sexo todo dia e eu não*”, configuração que também remete ao modo como são apresentados os temas do *Casos de família*, leitura corroborada por um internauta que deixou o seguinte comentário no vídeo: “*Quando eu vi o título do vídeo, vi muito ‘Casos de Família’ hahaha*”. Por estes motivos, essa relação é possível a partir do campo associado (FOUCAULT, 2008b) entre o vídeo e o programa por meio do meme, no qual a apresentadora dá uma opinião sobre um caso (“*Eu tenho pena de você*”), que vai dialogar com a fala do também apresentador Pedro HMC: “*É uma coisa que eu não*

*recomendo na vida. Você trabalhar e ter um relacionamento ao mesmo tempo é muito complicado”.*

Cláudio ironiza essa fala de Pedro: *“Aí ele já está dizendo por causa dele”.* Para entendermos melhor essa cena, é preciso ter em mente que Pedro HMC namorou um colega com quem dividia a produção do canal, de modo que seu dizer parte dessa experiência pessoal. Tanto é que Renan também o coloca na posição de confidente: *“A terapia é mais para ele do que pra gente”.*

Com esse diálogo, é possível visualizar o esquema do dizer-a-verdade sobre si, tanto por parte do casal, como também na fala de Pedro, sendo que esses sujeitos o fazem por meio dessa “confissão” sobre os problemas enfrentados dentro de relacionamentos. Ao procederem assim, esses sujeitos constroem sobre si um saber, uma verdade, que será usada pelo outro, no caso, pelo psicólogo, para que este possa fazer um direcionamento, para que possa dizer-a-verdade sobre o que se passa dentro do relacionamento, segundo esse olhar exterior.

É nesse ponto em que a prática de confissão, como uma prática de si na governamentalidade, estabelece relação com aquela exercida no âmbito do poder pastoral cristão: o sujeito gay produz uma verdade sobre si, a partir da qual o outro vai poder dirigi-lo, conduzi-lo. No caso, não em direção à salvação, mas, sim, apontando para uma matriz normativa (FOUCAULT, 2010) de conduta que deve ser adotada pelo casal, com o objetivo de resolver os problemas que enfrentam no interior do relacionamento.

Nesse processo de condução de si e do outro na ordem da governamentalidade no vídeo “Meu namorado quer sexo todo dia e eu não”, temos, então, a figura do psicólogo, que será o responsável por fazer essa condução, ao dizer-a-verdade sobre o casal que buscou ajuda.

No processo de condução, Cláudio busca demonstrar, por meio do dizer-a-verdade, qual problema está no cerne das discussões do casal e o que seria necessário fazer para mudar essa realidade. Uma das intempéries é posta em xeque no momento subsequente, em que Pedro pergunta a Luk sobre Renan: *“O problema é que ele fica muito no celular?”* e Luk responde: *“Ele fica muito no celular, sem dúvida”.* Cláudio, então, os interrompe:

*Não, o problema é que na verdade os dois sentem falta de que um preste atenção no outro. Ele tá falando que você não presta atenção nele quando você tá lá no celular e você está dizendo que ele não presta atenção, os dois têm a mesma queixa.*

Em seu discurso, Cláudio se posiciona demonstrando que os dois apresentam a mesma queixa, logo, os dois estariam cometendo o mesmo erro. Ao dizer isso, o psicólogo apresenta uma verdade que não é favorável a um ou a outro, mas que coloca em xeque o dizer de cada um deles. A estratégia discursiva usada pelo psicólogo aponta para a necessidade de adoção, pelo casal, de uma nova conduta de um para com o outro. É preciso que haja um controle de si no que se refere ao uso do celular, para que se possa ter outra conduta em relação ao parceiro.

Podemos agora nos questionar sobre os efeitos desse dizer-a-verdade sobre os sujeitos gays, sobre o modo como a confissão e as formas de conduta do outro e de si mesmo influenciam na constituição desses sujeitos. Para que possamos responder, é preciso que consideremos que todo esse processo de produção da verdade está ligado ao cuidado de si, abordado anteriormente. É necessário compreender que esse ato de confessar e de buscar no outro – o psicólogo – a verdade, configura-se como uma técnica de si, com vistas a construir um conhecimento sobre si mesmo. O próprio Foucault (2010, p. 43) vai dizer que “ninguém pode cuidar de si sem se conhecer”. Destarte, com a confissão e as formas de condução temos a construção de um conhecimento sobre o sujeito por meio da verdade, no qual o sujeito exerce um governo sobre si a partir do que o outro lhe apresenta como verdade.

Tomando a fala do psicólogo como verdade, os sujeitos gays podem agir de modo diferente dentro do relacionamento, buscando ver nas suas condutas aquilo que incomoda o outro. Essa possível tomada de atitude diferente por parte do sujeito é o que representaria tanto esse governo de si, que se estabelece graças a essa verdade construída, como representaria também o modo como, ao dizer a verdade, o psicólogo exerceria um governo sobre os outros. Com isso, ficaria demonstrada a necessidade, apontada por Foucault (2014b), que nós temos de discursos verdadeiros, os quais devem ser buscados exatamente nessa relação com o outro. Uma vez em posse desses discursos verdadeiros, segundo o autor, devemos retornar a nós mesmos e “[...] fazer dessa verdade aprendida, memorizada, progressivamente colocada em aplicação, um quase sujeito que reina soberanamente em nós” (FOUCAULT, 2014b, p. 187).

Dito isso, vejamos outros exemplos dessas formas de governamentalidade por meio do dizer-a-verdade no vídeo em análise. Na sequência do diálogo, Pedro HMC comenta que passou por situações parecidas com ex-namorados que também reclamaram de falta de atenção, e em seguida pergunta:

*Pedro: O que é essa falta de atenção Cláudio?*

*Cláudio: Uma das coisas que mais a gente quer em qualquer tipo de relação, de namoro, de pais, de amigos, é que um perceba o outro. E um participe da vida do outro e tenha vontade pelo outro. Então o que os dois estão reclamando é basicamente isso: Não deixa de me perceber, eu preciso que você me perceba. Presta atenção em mim. Que é quando você fala, eu falo que... seja da música e ele não tá me percebendo, ele não tá prestando atenção em mim. E a mesma coisa, quando ele dorme e você tá ligado no filme ou tá dormindo, quer dizer, não está me percebendo. Por outro lado eu acho que a gente também tem que levar em conta que bom que ele dorme quando está do seu lado. Porque o amor que aconchega e deixa a gente relaxado é uma delícia.*

O psicólogo, ao dizer-a-verdade, vai esclarecer que o casal, assim como em outras relações, exige um do outro a mesma coisa: ser percebido, receber atenção. Mas novamente aponta que os dois deixam de notar as necessidades do outro dentro da relação: *“seja da música e ele não tá me percebendo, ele não tá prestando atenção em mim. E a mesma coisa, quando ele dorme e você tá ligado no filme ou tá dormindo, quer dizer, não está me percebendo”*. Não obstante, Cláudio traz também outra leitura sobre os dois: o fato de que um consegue dormir ao lado do outro. Esse efeito de sentido que se materializa a partir da visão do psicólogo pode ser lido como um encaminhamento para que os dois percebam que cada um tem a sua necessidade e que um precisa respeitar as demandas do outro. Tal encaminhamento configura um modo de conduzir os dois à solução do problema. Pedro, inclusive, opina que uma noite dormida com alguém pode ser mais íntima do que uma noite em que se transou. Vejamos o seguimento da conversa:

*Cláudio: Mas é claro! É muito mais, muito mais.*

*Luk: Ah, eu odeio! Para mim tem que transar todo dia.*

*Renan: Ele já brigou comigo porque a gente ficou três dias sem e ele falou: “você não me quer mais!”.*

*Cláudio para Luk: Você mede o amor pelo sexo?*

*Luk: Eu não meço amor pelo sexo. Mas, às vezes, eu estou com muita vontade e ele dorme.*

*Renan: É e aí eu chego em casa, às vezes chego cansado e não dá pra... e às vezes ele não entende, ele fica bravo.*

*[...]*

*Cláudio: Tem uma coisa que a gente percebe assim nesse pouquinho tempo que tem vocês é, como eu administro o meu desejo com o seu desejo? Eu acho que a maior dificuldade de vocês talvez seja isso.*

*Pedro: Desejo não é só sexo.*

*Cláudio: Não, não, desejo de tudo. Eu tenho necessidade de ficar debatendo no celular e ele tem necessidade de ficar no meu colinho. Mas aí como é que eu respeito o meu desejo e respeito o desejo dele? Você tem necessidade, às vezes, de dar uma viajada, como é que eu encaixo o meu desejo com o desejo do outro? E aí vocês ficam se bicando. Para você (Renan) sexo quatro vezes por semana tá bom demais, para ele (Luk) tem que ser sexo todo dia... (Luk sorri) um pouco mais? Então tá bom né, mas assim, às vezes, tem casais então... como é que ao mesmo tempo me respeito e respeito ao outro? Essa é a maior*

*dificuldade de vocês e aí é o diálogo mesmo. Parece que vocês criaram uma relação "Tom e Jerry" que é deliciosa. "Tom e Jerry" porque assim você fica cutucando ele e ele cutuca você, você cutuca ele e ele cutuca você e vocês estão fazendo essa dinâmica, isso pode ser muito gostoso e muito divertido, mas também muito desgastante, entendeu? E às vezes criar um espaço que fica meio cruel. Então eu diria para conversarem um pouco mais e tentar criar uma dinâmica diferente. Porque é muito bonitinho da gente ver, até assistindo vocês falar... "ah parece que eles não têm problemas é fofo", "é um casal legal", mas é extremamente desgastante. Então fazer esse combinado. Meu, não tem alguma coisa legal, vamos conversar à noite, entendeu? Você entender que às vezes ele não pode resolver na hora, ele é diferente de você, entendeu?!*  
*Renan: Eu nunca vou forçar nada que deixe ele incomodado e ele nunca...*  
*Cláudio: Mentira! Porque você força ele a não falar no celular e vice-versa. Não vai fazer... ou ele não dormir no filme, né.*

Pelo diálogo, notamos que Luk não se sente satisfeito em simplesmente dormir ao lado de Renan, ele prefere que haja sexo todos os dias, e quando não há, acaba discutindo com o parceiro: *"Ele já brigou comigo porque a gente ficou três dias sem"*. Essa fala pode ser entendida como uma contraconduta frente à prática de governo do psicólogo sobre o casal. Enquanto que para este último é perfeitamente aceitável que um casal não transe todos os dias, e tenta colocar isso no plano da normalidade, Luk rejeita a ideia, defendendo que o correto seria transar todos os dias e talvez até mais de uma vez por dia. Nessa fala, o sujeito marca discursivamente sua insatisfação diante da condução do psicólogo, apontando para a necessidade de outra forma de conduta. É o que reforça Costa (2019, p. 70) ao dizer, com base em Foucault, que "[...] as contracondutas caracterizam-se por serem movimentos que colocam como objetivo outra conduta. Dessa relação agonística que se desenvolve entre a conduta e a contraconduta expressa-se o caráter de insubordinação das reações aos modos de governo". Dito isso, a fala de Luk apresenta esse caráter de insubordinação frente ao modo como o psicólogo tenta governá-lo.

É importante considerar também o momento em que o psicólogo Cláudio Picazio interroga Luk: *"Você mede o amor pelo sexo?"*. No vídeo, percebemos um efeito de destaque que a edição atribui à pergunta, que é escrita em fonte branca e caixa alta, ao lado da imagem de Cláudio apontando o dedo para Luk. Ao ser posta em tela, a pergunta feita diretamente ao participante dirige-se, agora, também aos internautas, que deverão fazer essa reflexão. A postura questionadora do psicólogo é reforçada por meio do movimento corporal de apontar o dedo a Luk. O movimento de câmera, ao não mostrar que ele aponta o dedo diretamente ao participante, faz com que o gesto também se dirija aos espectadores. Tal pergunta tem um efeito significativo sobre os sujeitos, pois passa a ideia de que resumir o amor somente ao ato sexual pode ser algo inadequado. Mesmo que responda negativamente, Luk insiste que, por

vezes, está com vontade de transar e o parceiro dorme. A cena, que parecia caminhar para um entendimento de que o casal tinha pontos positivos em meio às discussões, ganha um novo conflito: a falta de sexo. Renan tenta justificar essa falta considerando que chega cansado do trabalho. Nesse ponto, Cláudio toma a palavra e defende que o casal precisa aprender a administrar os desejos: *“como eu administro o meu desejo com o seu desejo?”*.

É preciso assinalar sempre que essa forma de conduzir do profissional por meio do dizer-a-verdade parece não ser bem recebida pelo casal, pois não é uma fala que responsabiliza um dos dois, mas que evidencia que a solução está no respeito que um precisa ter pelo outro. Essa aparente discordância do casal frente ao modo como são conduzidos pelo psicólogo mantém um tom agonístico na conversa, que se materializa na insistência em continuar apontando os erros um do outro. Atitude que parece apontar para uma contraconduta no sentido de que seria preferível ao casal que o profissional apontasse um culpado e dissesse como este deveria se portar.

No decorrer de sua fala, o psicólogo mostra pontos de desentendimento diante das necessidades do casal: um quer ficar no celular, enquanto o outro quer ficar no colo. Para ilustrar a situação, ele compara o casal aos personagens de desenho animado Tom e Jerry. O gato Tom vive tentando capturar o ratinho Jerry, que engenhosamente costuma conseguir escapar, pregando peças em Tom. Do mesmo modo, quando consegue capturá-lo, Tom fica brincando com a sua presa, de modo que é nessa relação de troca de farpas que Cláudio compara os personagens a seus interlocutores: *“porque assim você fica cutucando ele e ele cutuca você”*. Para finalizar sua fala, o psicólogo alerta que pode parecer bonitinho para quem assiste, mas essa relação é bastante desgastante para os dois. Como direcionamento, ele indica que os dois mantenham um diálogo constante. Nesse momento, Renan tenta fazer uma ressalva na fala de Cláudio: *“Eu nunca vou forçar nada, que deixe ele incomodado e ele nunca...”*, mas o psicólogo o interrompe: *“Mentira! Porque você força ele a não falar no celular e vice versa. Não vai fazer... ou ele não dormir no filme, né”*.

Ao rebater Renan, Cláudio defende sua opinião, alertando-o de que ele força sim o parceiro, quando cobra que ele não use o celular ou quando acha ruim que ele durma durante o filme. Nesse excerto, é possível compreender melhor o tom agonístico que se estabelece entre aquele que conduz e os que são conduzidos. A estes, no contexto em que essa verdade é produzida, cabe tomá-la como uma forma de conhecimento de si e, a partir dela, alterar ou não suas condutas, suas práticas frente ao relacionamento.

### 3 Considerações finais

Pelas análises realizadas, é possível afirmar que o canal *Põe na Roda* lança mão de mecanismos discursivos por meio dos quais exerce uma forma de governo sobre os sujeitos gays, que se apresentam como sua principal audiência. Tais mecanismos, pelas configurações do quadro “*Ajuda, Põe na Roda*”, manifestam-se por meio das práticas de dizer-a-verdade, de construção de um saber sobre os sujeitos gays que participam do quadro; seja por meio das práticas de confissão, seja pelas formas de condução do outro por aquele que é responsável por apontar direções aos que buscam ajuda. No caso em análise, essa responsabilidade recai sobre o psicólogo Cláudio. Como vimos, ele ocupa uma posição sujeito que produz um discurso médico, científico, que é socialmente reconhecido como verdadeiro, sendo recoberto, assim, de certa autoridade para dizer a verdade. No entanto, notamos também que essa condução não se deu de modo pacífico. Houve uma relação agonística entre os sujeitos confessores e o psicólogo, o que, como vimos, aponta para um desejo de cuidado de si perpassado pela ideia de escolher a forma como queremos ser governados. É nesse ponto que há uma constituição ética do sujeito frente às estratégias de governo.

A partir das discussões aqui empreendidas, esperamos ter contribuído, de algum modo, para os estudos discursivos foucaultianos acerca da constituição dos sujeitos em meio às práticas de governo que se manifestam na contemporaneidade por meio das mídias digitais. Além disso, almejamos suscitar reflexões outras acerca das práticas de confissão, de dizer a verdade sobre si como uma forma de constituição ética do sujeito. Acreditamos que estas são temáticas importantes na área da Análise do Discurso e que merecem uma abordagem mais ampla, que considere outras instâncias discursivas. Por fim, desejamos que este texto possa trazer mais visibilidade aos estudos acerca da comunidade LGBTQIA+, inclusive no interior das lutas atuais contra o conservadorismo que expande suas raízes em nosso país. Estes são temas, mais do que nunca, necessários ao pensamento acerca de quem somos hoje e de como dispomos de nossos discursos e construímos nossas subjetividades.

### Referências

COSTA, H. S. O lugar das contracondutas na genealogia foucaultiana do governo. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 61-78, abr. 2019.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

FOUCAULT, M. **Governo de si e dos outros**: curso no collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**: Curso no Collège de France (1979-180). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. *In*: **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 177-191. (Coleção Ditos e Escritos, v. 9).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, Bela Vista, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar. 1995.

GOMES FILHO, M. **(Homo)sexualidades e Foucault**: para o cuidado de si. Curitiba: Appris, 2016.

GROS, F. A parrhesia em Foucault (1982-1984). *In*: GROS, F. (org.). **Foucault**: a coragem da verdade. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PÕE NA RODA. "Meu namorado quer sexo todo dia e eu não!" - Ajuda, Põe Na Roda. 2017. 1 vídeo (10:47). Publicado pelo canal Põe na Roda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cUCVwt7pOzs>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SILVA, F. V. **A constituição do sujeito celebridade no site Ego**: (re)configurações da intimidade em tempos de hiperexposição midiática. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Linguística, João Pessoa, 2016.

SOUSA, K. M. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. *In*: TASSO, I.; NAVARRO, P. (orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 41-55.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

## Government of the self and the other on the YouTube channel Põe na Roda

### Abstract

This article aims to describe the discursive mechanisms that point to the exercise of a policy of life and governmentality in the Põe na Roda channel, available on YouTube. It is a channel that addresses, in a good-natured way, various subjects related to gay subjects. This research is linked to Foucauldian discursive studies, with an emphasis on understanding the production of subjectivities in the context of audiovisualities. As such, it adopts a descriptive-interpretative approach as a methodology, based on a qualitative approach. Furthermore, it is based on the Foucauldian archeogenealogical method, which strives for a cultural-historical analysis of the Discourse and the processes of subjectivation. To compose the corpus of this article, we selected a video available on the channel, which addresses government practices on the relationship of a couple. The analysis of discursive materiality pointed to the adoption, by the channel, of discursive mechanisms from which it exerts a policy of life and governmentality over Internet users who follow the videos. Such mechanisms are manifested through the practices of telling the truth, of building knowledge about the gay subjects who participate in the framework; either through the practices of confession, or through the ways of conducting oneself and the other.

### Keywords

discourse; gays; governmentality; subjectivity; truth

### Autoria para correspondência

Marcos Paulo de Azevedo  
marcospaulo@uern.br

### Como citar

AZEVEDO, Marcos Paulo de; SILVA, Francisco Vieira da. Governo de si e do outro no canal Põe na Roda do YouTube. *Intexto*, Porto Alegre, n. 55, e-126661, 2022. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.126661>

Recebido: 19/08/2022

Aceito: 01/11/2022



Copyright (c) 2023 Marcos Paulo de Azevedo, Francisco Vieira da Silva. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.